



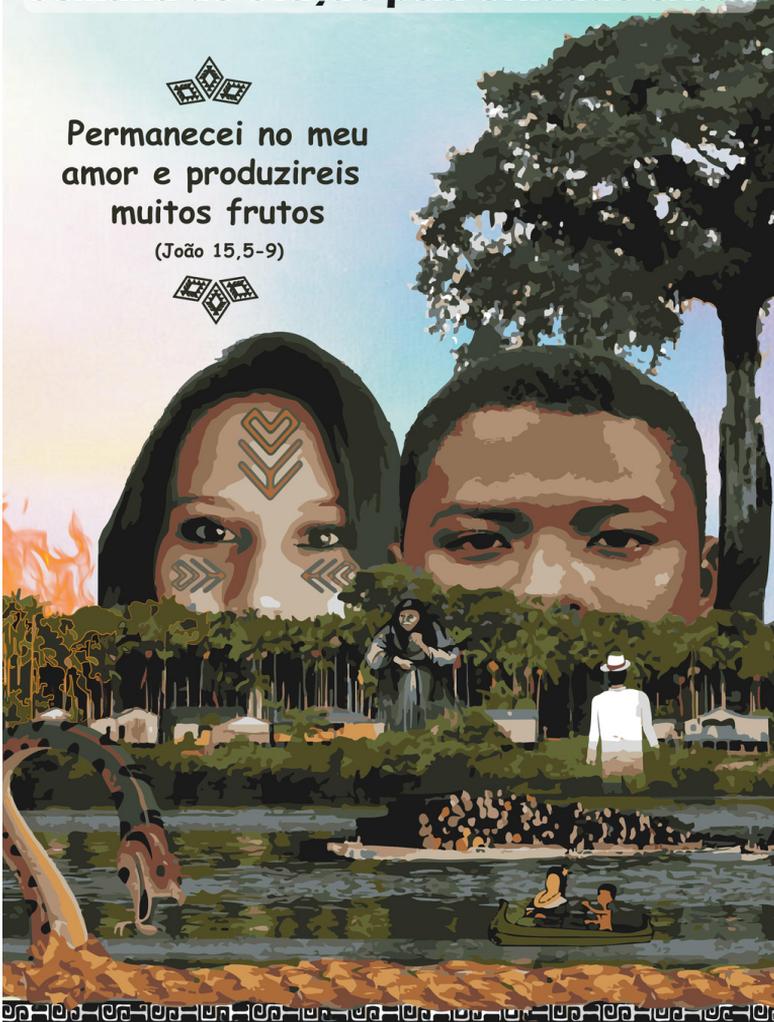
RODAS DE CONVERSA

Semana de Oração pela Unidade Cristã



Permanecei no meu
amor e produzireis
muitos frutos

(João 15,5-9)





SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE CRISTÃ

De 16 a 23 de maio de 2021

*Permaneçei no meu amor e
produzireis muitos frutos (João 15,5-9)*





SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE CRISTÃ

Preparação do material	Comunidade Monástica de Grandchamp
Tradução	Therezinha Motta Lima da Cruz
Revisão	Conic
Projeto Gráfico	Mirian Reis
Arte do cartaz	Carmelino Antonio Ramires Neto

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC

SCS Quadra 1 – Bloco E – Edifício Ceará,
Sala 713 - CEP: 70309-900 - Brasília - DF
Fone/Fax: (61) 3321-4034
E-mail: conic@conic.org.br

Publicação não destinada à venda. Distribuição realizada pelo Conic.

Todos os direitos reservados 2021

Sumário

Apresentação SOUC 2021	5
Explicação do cartaz	8
Preparação do material	11
Rodas de conversa	25

SOUC 2021

Apresentação SOUC 2021

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL

Com alegria apresentamos o material da Semana de Oração pela Unidade Cristã 2021. O tema da Semana de oração é “Permaneceis no meu amor e produzireis muitos frutos.” (Jo 15.5-9)

Este tema dá continuidade à reflexão sobre diálogo como compromisso de amor motivado pela Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021.

O contexto no qual realizaremos esta Semana de Oração possivelmente não permitirá a realização de celebrações presenciais, em função da pandemia da Covid-19 que exige evitar todo e qualquer tipo de aglomerações. Entretanto, temos inúmeros recursos disponíveis para celebrarmos ecumenicamente o amor de Deus por nós. Esta Semana de Oração faz memória a todas as pessoas que perderam suas vidas em função desta pandemia. Cada uma destas vidas que se foram exigem de nós o compromisso de nos engajarmos para revertermos esta situação. Os frutos do amor que desejamos produzir precisam ser o maior senso de coletividade, zelar pela Casa Comum, a solidariedade e a superação de todas as formas de desigualdade.

Apresentação SOUC

No Brasil, o material da Semana de Oração de 2021 foi adaptado pelo Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs (CAIC). Agradecemos o empenho de nossos irmãos e irmãs do CAIC por nos oferecer este material tão rico e diverso que coloca no centro de nossas orações e celebrações a diversidade do bioma amazônico.

Este ano, o material da Semana de Oração é formado por dois cadernos. O primeiro caderno apresenta roteiros para Rodas de Conversa e o segundo caderno apresenta roteiros para as celebrações. Ambos os materiais podem ser usados ao longo do ano.

Outra novidade deste ano é que o material será disponibilizado sem custos. Desejamos que o maior número de comunidades, grupos e pessoas possam usufruir deste conteúdo. Para nós, será muito importante saber como foi a utilização do material e se ele contribuiu para a formação e as celebrações.

Chamamos especial atenção para as coletas da Semana de Oração. Elas continuam como todos os anos. Para isso, o CONIC disponibiliza:

- **Conta corrente:**

Banco Bradesco

Agência: 0606-8

Conta Poupança: 112.888-4

(para depósito identificado: CNPJ: 00.721.266/0001-23)

- **Pix:**

00.721.266/0001-23

Apresentação SOUC

O ecumenismo é graça de Deus. Como pessoas cristãs cabe a nós zelar e promover o diálogo entre igrejas e com a sociedade. Em tempos de intolerância, o diálogo é uma oferta do próprio Deus para nós. A missão primeira do CONIC é a promoção deste diálogo. Para realizar nosso trabalho, precisamos de apoio financeiro. As doações realizadas durante a Semana de Oração são um gesto concreto de afirmação do ecumenismo.

Que Deus abençoe todas as pessoas que reconhecem no diálogo e na diversidade da Criação a presença amorosa de Deus.

Em comunhão ecumênica,

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

SOU 2021

Explicação do cartaz

Carmelino Antonio Ramires Neto



A paisagem do cartaz é típica da Amazônia. O fundo, em cores arco-íris, simboliza a diversidade cultural e religiosa presente nesta região. Temos o Tema entre dois traços indígenas e, ao lado direito superior, a Sumaumeira, árvore típica da Amazônia - que é considerada a mãe da floresta por ser grande, cobrir muitas outras árvores e possuir uma raiz bem firme.

A Sumaumeira produz uma castanha, e esses frutos são os dois rostos que estão no cartaz. Liza Guidicelly, uma jovem mãe, mulher, marajoara, traços indígenas, congregante em uma igreja evangélica, considerada por sua igreja como missionária.

Ao lado dela temos o Tarcísio, jovem, negro, com traços africanos, católico, com grande apreço pelas religiões de matriz afro, conhecido nas redes sociais pelo orgulho de sua cor e suas raízes.

Com esses dois rostos, represento todo o povo amazônico, homens, mulheres, jovens, anciãos, negros, pardos, indígenas, brancos.

Explicação do cartaz

Abaixo deles, temos uma floresta de açaizeiros e casas ribeirinhas, muito comum na Amazônia. Os tons de verde e tamanhos diferentes mostram a particularidade de cada um que, juntos, formam uma bela harmonia na paisagem. Porém, ao lado esquerdo dessa paisagem, temos o fogo, que é consequência da ganância do homem por poder, dinheiro e fama. Esse fogo, muitas vezes, é a falta de diálogo e tolerância.

Ainda temos um rio, [que] para muitos é uma rua, uma extensão da casa. É onde se passam muitas histórias, traz alimento, seja por barcos ou seja pela pesca. É testemunho de muitas alegrias e injustiças, como a extração ilegal de madeira e o desmatamento desenfreado.

Ainda há ali uma balsa de madeira, cena típica, um jovem que rema uma canoa com uma mulher à frente - o casco é quase da mesma cor do rio. Na rotina do ribeirinho, se tornam quase a mesma coisa: a canoa, o rio o ribeirinho, por vezes, são um só.

A arte também traz elementos do folclore da Amazônia: a Matinta Perera entre as casas; o Boto de costa para rio indo em direção às casas ribeirinhas; a Cobra Grande, lenda presente em muitas cidades da região que dizem estar abaixo da cidade e que quando ela se mexer a cidade afundará. Em Belém, fala-se dela estar com a cabeça embaixo da Igreja da Sé, do mesmo lugar de onde sai o Círio. Por isso, a Cobra Grande é representada saindo de dentro da corda.

Explicação do cartaz

Na parte inferior da imagem, temos a Corda da Berlinda, sinal de unidade. Na corda do Círio, as pessoas se unem, vêm de diversos lugares, culturas, etc. Nela não há divisão.

Na base inferior e superior temos traços indígenas, conhecidos por alguns como Gregas Marajoaras, por serem encontrados em artefatos deixados por índios daquela região.

SOUC 2021

Preparação do material

Comunidade de Grandchamp

O material da Semana de Oração 2021 contou com a importante participação da comunidade de Grandchamp, de Areuse, localizada no cantão de Neuchel, Suíça. Esta comunidade foi convidada pelo Conselho Mundial de Igrejas. Todo o processo de elaboração do material foi coletivo. Agradecemos pela dedicação da comunidade de Grandchamp, do Pontifício Conselho para a Promoção da unidade dos Cristãos e da Comissão de Fé e Constituição (CMI).

As reuniões de preparação foram presididas pelo diretor da Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas, Rev. Odair Pedroso Mateus, e pelo Rev. Anthony Currer do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos.

A Comunidade de Grandchamp é uma comunidade monástica. Ela congrega irmãs de diferentes igrejas e países. Foi criada na primeira metade do século XX. Desde o princípio, destacam-se os laços entre a comunidade de Grandchamp, a comunidade de Taizé e o Abade Paul Couturier, figura central na história da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Preparação do material

A Comunidade de Grandchamp é composta atualmente por cinquenta irmãs, que assumem a missão da reconciliação entre as pessoas cristãs, entre a família humana e com a criação.

A partir do testemunho desta comunidade, o tema escolhido para a Semana de Oração pela Unidade Cristã foi "Permanecei no meu amor e dareis frutos em abundância" (cf. Jo 15,5-9). Este tema reflete a experiência e a sabedoria que emanam da vida contemplativa. A experiência mística de contemplação fundamenta-se no amor de Deus e nos frutos da oração voltada para uma comunhão mais próxima entre irmãos e irmãs em Cristo e maior solidariedade com a Criação.

A adaptação do material ficou a cargo do Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs - CAIC

Histórico do CAIC

(Copilado e adaptado da Tese de Mestrado do hoje Prof. Pr. Da IECLB, Antônio Carlos Teles da Silva)

O movimento ecumênico surgiu na Amazônia paraense a partir das mobilizações pela libertação dos presos do Araguaia. Ele é expressão do ecumenismo de base, que se expressa no anseio no anseio por justiça e paz associado ao ideal de unidade.

Preparação do material

O ecumenismo de base que se manifesta como militância sócio-política libertadora, não se baseia em documentos, mas a partir da ação, da militância e da celebração cotidiana da fé dos cristãos em situações de luta.

No dia 31 de agosto de 1981, policiais, fortemente armados, invadiram a casa paroquial de São Geraldo do Araguaia e prenderam o Padre Aristides, o Padre Francisco Gouriou e mais alguns lavradores e agentes de pastoral. No dia 11 de setembro estas quinze pessoas foram algemadas e transferidas de aviação para Belém e presas na sede da Polícia Federal. A notícia da prisão alcançou rapidamente as comunidades e os bispos da região.

No dia 12 de setembro D. Vicente Zico, então bispo auxiliar da Arquidiocese de Belém, celebrou na basílica de Nazaré a primeira das inúmeras missas de solidariedade às pessoas presas, com a presença de cerca de 800 pessoas. No dia seguinte, outra missa foi celebrada na Igreja do Perpétuo Socorro com a presença de 8 bispos e 24 padres reunindo mais de 2.000 pessoas. Neste dia, iniciou a vigília permanente em frente a sede da Polícia Federal, mobilizando diversas comunidades e movimentos populares.

O Movimento ganhou corpo com a adesão de grande número de entidades populares, algumas lideranças de Igrejas Evangélicas como a Anglicana, Luterana (IECLB) e Metodista, passando a organizar-se oficialmente como Movimento Pela Libertação dos Presos do Araguaia (MLPA).

Preparação do material

No dia 23 de setembro, um grande culto ecumênico foi celebrado reunindo sacerdotes de cinco igrejas: Católica, Luterana (IECLB), Metodista, Batista e Evangelho Quadrangular, com a presença de Dom Alano Pena, então Bispo coadjutor da Prelazia de Marabá, e os padres Bernardo Hoyos e Savino Mombelli.

Nos primeiros dias de setembro que antecederam à prisão, ocorreu na cidade de Abaetetuba, um encontro bíblico com Frei Carlos Mesters. O Padre Aristides participaria deste encontro, mas durante a reunião chegou a notícia da prisão dos padres. Inicialmente houve a tentativa de mobilização das igrejas para uma vigília pela libertação das pessoas presas.

Em seguida, já em Belém foi convocada uma reunião no Instituto de Pastoral Regional (IPAR), no prédio do arcebispado, onde também se localizava a sede da CPT regional. A ideia inicial era apenas a realização de uma missa. Durante a reunião delineou-se o caráter ecumênico do movimento.

Após o encerramento das mobilizações em torno libertação dos presos, boa parte da liderança permaneceu em contato à medida que surgissem fatos que justificassem alguma tomada de posição. Ao longo de, pelo menos 4 anos, foi sendo amadurecida a ideia da criação de uma organização ecumênica. Em 27 de outubro de 1987 foi oficialmente fundado o Instituto Universidade Popular (UNIPOP), em reunião celebrativa na Paróquia Anglicana de Santa Maria de Belém (hoje Catedral), com a participação de 15 entidades ligadas ao movimento popular, sindicatos e instituições religiosas. A UNIPOP nasceu no intuito de ser “uma ONG de educação popular,

Preparação do material

cujo princípio básico está no pluralismo político, de gênero, cultural e religioso”. A viabilização do empreendimento foi possível graças ao apoio das organizações parceiras internacionais, Pão para o Mundo, Igreja Evangélica da Alemanha, ICCO da Holanda, Christian Aid da Inglaterra.

A linha de atuação sócio política e a feição teológica-ecumênica, como expressão da identidade da instituição, como também a criatividade e a expressão lúdico/artística a partir das raízes culturais do povo amazônico e paraense.

Um dos programas iniciais da UNIPOP constava de um Curso de Teologia Popular como espaço de reflexão bíblica e teológica a partir do compromisso libertador ecumênico. Nutriu-se a ideia de um curso de teologia, popular e ecumênico em nível de graduação. A ideia tornou-se realidade a partir da constituição do Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs (CAIC), fundado em 18 de novembro de 1996, passando a representar o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) para a região amazônica.

O curso de teologia do CAIC, passou a funcionar a partir de março de 1998 com 33 alunos de diferentes Igrejas, como a Católica Romana (maioria), Episcopal Anglicana, Metodista, Luterana (IECLB), Batista, Universal do Reino de Deus, Evangelho Quadrangular e Assembleia de Deus, e pessoas de outras igrejas pentecostais, reunidos no Núcleo Básico de Teologia.

Um importante aspecto a ser ressaltado é que o Curso Ecumênico de Teologia do CAIC por causa do apoio de importantes parcerias:

Preparação do material

A UNIPOP cedeu parte de seu espaço físico, o Instituto de Pastoral Regional (IPAR) da Igreja Católica Romana disponibilizou sua biblioteca, além da colaboração efetiva de alguns professores e professoras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e também da Universidade do Estado do Pará (UEPA), o que garantiu o bom nível do curso desde seu início pelo diálogo com ambientes acadêmicos já consolidados.

Em 15 de dezembro de 2001, foi criado a ACER – Associação Amazônica de Ciências Humanas e da Religião. Que assumiu a área de formação acadêmica do CAIC, que mesmo sendo de elevado nível acadêmico, era curso livre. Ficando o CAIC com a incumbência de relações, celebrações e articulações ecumênicas. Com uma maior exigência de diplomas reconhecidos pelo MEC, a ACER entrou em uma crise que não teve volta, cessando suas atividades no final de 2014.

Atualmente o CAIC, que no início era um conselho de Igrejas, é agora um conselho de igrejas e movimentos ecumênicos, sendo atualmente formado pelas Igrejas Católica Apostólica Romana, Diocese Anglicana da Amazônia (IEAB), Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Igreja Presbiteriana Unida, CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, Movimento Focolares, e ACER – Associação Amazônica de Ciências Humanas e da Religião. O CAIC vem se esforçando para o cumprimento de seu papel na busca de uma unidade visível, na linda diversidade da Igreja de Cristo.

Preparação do material

Simbologia cultural e religiosa dos povos da Amazônia – SOUC 2021

Charles Alberto Barbosa de Souza
Antropólogo

Discernir os símbolos culturais da Amazônia é algo complexo e requer um estudo aprofundado com o tempo para podermos perpassar toda a floresta de significados e colher os seus variados frutos e paisagens diversas pelas cores dos animais, os cantos das aves e plantas. Mas aqui tentaremos ressaltar alguns elementos ao alcance de nossos olhos.

Um outro aspecto é a tentativa em distinguir os elementos culturais daqueles religiosos. Para muitos antropólogos a religião está dentro da cultura e se entrelaçam quase se confundindo uma realidade e outra. Um outro desafio se dá na territorialidade dos eventos uns são urbanos e outros no espaço rural, mas que também se misturam por exemplo o fenômeno do Círio de Nazaré acontece num espaço urbano, mas é efetivamente elaborado por uma população tanto dentro quanto fora de Belém e se repica pelo interior afora na Amazônia.

Por estes motivos escolhi não distingui-los. A Amazônia é portadora de um enorme patrimônio cultural. E não somente a Amazônia Brasileira. Neste caso sugerimos um recorte muito específico para a Semana de Oração pela Unidade Cristã 2021.

Preparação do material

1. Os primeiros elementos podemos colher das **CULTURAS INDÍGENAS**: sabedoria dos mitos, rituais (dabacuri-festa da partilha), mutirão, amor, respeito com a natureza viva (rios, florestas, animais, peixes e pássaros). Quão forte é sentida nos vários grupos étnicos a relação com a terra MÃE e estes elementos são pontes de mão dupla com a cultura negra, cristã e outras religiões... Nesta esteira a socio-diversidade e bio-diversidade amazônica se inter-relacionam e se ligam pelos rios que escorrem e se comunicam entre as várias gentes amazônicas.

2. Um outro elemento podemos colher do **CORDÃO DE PÁSSARO Junino** é uma prática musical que tem origem no final do século XIX em Belém do Pará, no período conhecido historicamente como Belle Époque. Segundo João de Jesus Paes Loureiro, a Opereta Paraense teria recebido influências das companhias de Ópera que vinham da Europa para se apresentar no Teatro da Paz, mas também do teatro de revista e teatro nazareno – específico do período do Círio de Nazaré em Belém do Pará. O enredo do espetáculo é representado por pessoas do povo, chamados brincantes, que encarnam personagens da côrte – marquês, marquesa, princesa, fada – e personagens do cotidiano e imaginário amazônico. A/o responsável pelos ensaios, confecção de figurinos, composições, é chamada/o Guardiã, ou Guardião. O pássaro da princesa foge da gaiola e vai para a mata. Ali existe um caçador que atira no pássaro. Ao descobrir que o pássaro pertencia à princesa, o caçador realiza uma grande empreitada para salvá-lo. Vários quadros são apresentados, com a entrada do médico, do pajé e os membros de sua aldeia, matutagem – comédia com elementos da cultura popular, rituais afro descendentes... até que o pássaro

Preparação do material

ressuscita. Caso a Guardiã não queira mais realizar a brincadeira no próximo ano, o espetáculo encerra com a morte do pássaro.

3. **CÍRIO:** de Matriz cristã etimologicamente, a expressão “círio”, do latim cereus, significa uma grande vela de cera. Em Portugal, os círios representavam um ajuntamento de pessoas que se organizavam para, em romaria, ir ao Santuário de Nazaré. Posteriormente, as velas de cera ou círios levados pelos romeiros nessas peregrinações passaram a denominar a própria romaria¹. Os círios acontece grandiosamente na vida religiosa do povo paraense em Belém, mas se repetem nos vários lugarejos da Amazônia. A vela acesa tem expressões paradigmáticas para a antropologia cultural como uma lâmpada, é uma luz bem definida, conseqüentemente a vela acesa simboliza uma vida em particular na relação com a vida cósmica e universal². Neste sentido o círio pode se apresentar como a imagem das vidas entrelaçadas que formam o Povo de Deus no enfrentamento da vida.

4. **O CORDÃO DA UNIDADE:** Inserida na procissão do Círio de Nazaré em 1855, para que o povo pudesse ajudar a tirar a berlinda de um atoleiro, hoje ela perdeu seu significado prático original, muito embora o seu aspecto simbólico de sacrifício e ligação com o sagrado tenha permanecido ao longo dos anos. A corda é uma expressão de ligação e de conexão. Os seus entrelaçamentos e nós no sistema jeroglífico egípcio, significa nome.

1 Cf. Coelho, Geraldo. Uma Crônica do Maravilhoso. Legenda, Tempo e Memória no culto da Virgem de Nazaré. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998, p. 126.

2 Cf. Jean-Eduardo Cirlot – Dicionario dei Simboli Ed. Eco Milano 2002

Preparação do material

Igualmente o cinto, a coroa em forma de nós são coligados ao nome sendo o nó símbolo da existência individual.

Os laços entre os vários nós de uma corda assim significarão a força da coesão. No âmbito do poder simbólico a corda, por ser um entrelaçamento de fios tecidos entre os espaços internos e externos, oferece ao inconsciente coletivo um duplo significado: se comparado aos Jeróglifos egípcios e se comparados ao Caduceu de Mercúrio representa o duplo movimento de evolução e de involução do Universo, e por outro lado integra o significado geral de amarra que é união, comunicação e também comunhão como símbolo do matrimônio entre o céu e a terra no plano cósmico num grito de dor. Esta imagem traz à luz o grito de Jesus Crucificado: “meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste”³ fazendo-se assim Jesus, o Homem Deus, uma coisa só com o pecador e alcança a humanidade no fundo do poço e a eleva ao seio da Trindade Santa, restabelecendo a aliança entre o céu e a terra⁴. Na cultura judaico-cristã a corda aponta também para o seu significado de ação quando lemos em Jó (12,18): Desata o cinturão dos reis e amarra seus rins com uma corda. Ou mesmo em Baruc (6,42) quando as mulheres colocavam uma corda à cintura e sentavam-se à beira do caminho, queimando farelo. Não podemos esquecer dos instrumentos de corda do Rei David que salmodiavam a Deus (Sl 61,1) como também as cordas utilizadas como adornos indicando a dignidade do portador na caminhada do Povo de Deus no deserto rumo à Terra Prometida: “No peitoral foram prendidas correntinhas

3 Cf. Evangelho de Marcos 15,34

4 Cf. A segunda Carta de Paulo aos coríntios no capítulo 5, 21: “Aquele que não conheceu pecado (se/o) fez pecado por nós, para que n’Ele fôssemos feitos Justiça de Deus”.

Preparação do material

de ouro puro, trançadas como um cordão”(Ex.39,15)⁵. Neste sentido a realza do Menino que Maria trás no colo envolvido na corda atrelada às mãos do promesseiro em oração sacrificial no abandono de Jesus crucificado manifesta o poder do amor misericordioso de um Deus que se esvaziou a si mesmo para dar a sua divindade àqueles que jaziam na periferia existencial do pecado, costurando e selando o nó eterno e inquebrantável da Nova Aliança. Esta dimensão da corda como ligação com o sagrado está presente também em outras culturas, por exemplo todos os Hindus de casta elevada levam consigo o cordão sacro. “Como se explica o Jâbâla-Upanishad, o cordão sacro é o símbolo exterior do Sûtrâtman, fio espiritual que une todas as existências, como as pérolas de um colar” (CIRLOT 2002 p.169). Este conceito é tão claro nas várias culturas que se torna paradigmático pelo seu caráter universal. Por isso, pelo seu poder simbólico e sagrado a corda exerce uma atração magnetizadora de muita gente na Amazônia, pois não obstante o sacrifício que impõe ao número de promesseiros a acompanhar a procissão com as mãos na corda e os pés descalços no chão aumenta a cada ano.

5. A MESA DA CONFRATERNIZAÇÃO: É muito comum os lares acolherem os parentes e amigos que vêm participar do Círio em Belém e chegam do interior com os paneiros cheios de frutas e crias para partilhar na mesa do almoço do Círio e assim vão tecendo as relações na ritualidade do preparo alegre dos alimentos na casa dos acolhedores... Na cozinha, onde se colocam os papos em dia,

⁵ Veja aqui outras referências em Ex.28,37: Prenderás a lâmina à mitra com um cordão de púrpura violeta pelo lado da frente. Ex.28,14: ... e duas correntinhas de ouro puro, à maneira de cordão, e as prenderás nos engastes. Ex.39,31: e ataram-na com um cordão de púrpura por cima da mitra, conforme o Senhor havia ordenado a Moisés.

Preparação do material

contam-se as novidades e relembram histórias vividas tecendo uma rede de significado que amarra a unidade familiar, algumas vezes no contraditório das próprias relações. No almoço do Círio percebe-se uma certa continuidade de algumas relações encontradas na procissão principal, como formalidade e informalidade, sagrado e profano, público e privado. O almoço do Círio é uma oportunidade para as famílias experienciarem a prodigalidade e a fartura da comida, correspondente também à prodigalidade das bênçãos e das graças proporcionadas pelo Menino no colo da Virgem de Nazaré. É comum os devotos se referirem ao almoço do Círio como o “Natal dos paraenses”. Alguns dizem que podem até deixar de fazer a ceia do Natal, mas nunca deixariam de fazer o almoço do Círio. As conversas são as mais variadas desde a saudade dos membros que já se foram ou que se reencontram naquela ocasião do Círio, até o futebol, mas o assunto principal é a experiência vivida naquelas horas de Círio, partilham-se emoções, a fé revivida, as dificuldades enfrentadas e vencidas, os ferimentos de algum promesseiro e o sacrifício superado. Uma entrevista realizada com uma família de devotos revelou um aspecto curioso do almoço do Círio: a participação de adeptos de outras Igrejas não católicas. “Eu participo de uma religião evangélica, não posso festejar por causa da minha mãe que é da crença evangélica e não aceita essas coisas do Círio na minha casa. Mas só que eu participo, vou na casa dos amigos, como, bebo, festejo junto com eles”, diz um rapaz oriundo de uma família evangélica. E justificava sua participação no almoço do Círio da seguinte forma: “Nesse ponto, eu não sou nem evangélico, nem católico, entende? O almoço do Círio é só uma festa para mim. Acho uma festa muito bonita”⁶. Neste âmbito

6 Entrevista focal realizada na residência da senhora Lucila Alves da Conceição, Belém, 15 de setembro de 2002. Publicado no Acervo do IPHAN/PA

Preparação do material

o Círio vai além das fronteiras religiosas e mais além: de raça, de cor, tomando, assim, o princípio de Fraternidade as cores da Universalidade. De fato, o almoço do Círio pode ter diversos significados. Para uns, é uma prática religiosa; para outros, trata-se de uma tradição. Mas há também os que dizem: “A gente se preocupa bem mais com a reunião da família do que com a religiosidade”. Para esses o almoço seria mais “um momento de confraternização, quando as sensibilidades estão à flor da pele”. Esta é uma opinião comum entre os mais jovens⁷. “Círio sem almoço não existe, assim como não existe o Círio sem a maniçoba”, diz um entrevistado. E todos, afinal, concordam que o almoço do Círio tanto faz parte de uma cerimônia religiosa, quanto de um momento de confraternização, de reunião dos amigos e familiares.

Conclusão

A imagem da circularidade é patente nas várias culturas amazônicas: a socio-diversidade e bio-diversidade amazônica se inter-relacionam o universo semântico se encontra na totalidade quando o mundo se reúne, é Oca. Esta mesma totalidade encontramos no cordão de Pássaro, quando a corda trabalha e solidifica a unidade da identidade cultural do Povo do Círio que caminha com o sagrado e na mesa da partilha do almoço do Círio. A Mesa de confraternização do almoço do círio, que em muitas culturas representa o Céu, sobretudo se esta for redonda, oferece na passagem da mesa da Eucaristia-comunhão para a prodigalidade do banquete fruto da ritualidade da partilha que no almoço do Círio aponta, no inconsciente coletivo, para a força da reconquista do

⁷ Entrevista focal realizada na residência da senhora Lucila Alves da Conceição, Belém, 15 de setembro de 2002. Publicado no acervo do IPHAN.

Preparação do material

Paraíso gerado por Jesus na Cruz à toda a humanidade. Esta dimensão é bem prefigurada na cultura judaico-cristã no salmo 23 em que o Senhor como um bom pastor cuida das suas ovelhas e não lhes deixa faltar coisa alguma.

No sistema simbólico o plano ativo dos cavaleiros da Távola (mesa) Redonda traz ao inconsciente coletivo a rotatividade solar e a proteção da mulher, momento de vitória e castigo dos opressores. Liberdade dos encarcerados e destruição dos malfeitores, qual vitória do bem sobre o mal: “Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda” (Sl 23, 5).

1º Permanecendo em Cristo a unidade da pessoa inteira

SOUC 2021

“Permanecei em mim como eu permaneço em vós” (João 15,4a)

Roteiro:

- 1.Acolhida
- 2.Canto inicial
- 3.Motivação
- 4.Leitura do Texto bíblico
- 5.Querida Amazônia
- 6.Canto
- 7.Perguntas e Partilha
- 8.Benção

Leituras

João 15,1-17

Querida Amazônia n. 73

“Mas, a enculturação eleva e dá plenitude. Sem dúvida, há de se apreciar a espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de toda criação, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida. Apesar disso, trata-se também de conseguir que esta relação com Deus presente no cosmos se torne cada vez mais uma relação pessoal com um “Tu”, que sustenta a própria realidade e que quer dar um sentido, um “Tu” que nos conhece e nos ama:

“Flutuam sombras de mim, madeiras mortas.
Mas a estrela nasce sem censura
sobre as mãos deste menino, especialistas
que conquistam as águas da noite.
Bastar-me-á saber que Tu me conheces
inteiramente, ainda antes de meus dias”.

Perguntas

- 1.O que nos chama atenção do Texto bíblico e da Querida Amazônia?
- 2.Que fatores interferem na dignidade e vida plena dos povos amazonidas?
- 3.Que luzes as leituras nos oferecem?

2º Unidade de todos os povos e de toda criação

Souc 2021

*“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”
(João 15,12b)*

Roteiro:

- 1.Acolhida
- 2.Canto inicial
- 3.Motivação
- 4.Leitura do Texto bíblico
- 5.Querida Amazônia
- 6.Canto
- 7.Perguntas e Partilha
- 8.Benção

Leituras

Ap 7,9-17

Querida Amazônia n. 31

“Cada povo que conseguiu sobreviver na Amazônia tem a sua própria identidade cultural e uma riqueza única em um universo multicultural, em virtude da estreita relação que os habitantes estabelecem com o meio circundante, em uma simbiose – de tipo não determinista – difícil de entender com esquemas mentais alheios:

“Havia outrora uma paisagem que despontava com seu rio, seus animais, suas nuvens e suas árvores.

Às vezes, porém, quando não se via em lado nenhum a paisagem com seu rio e suas árvores, competia a tais coisas assomar à mente dum garotinho”.

“Do rio fazes o teu sangue (...).

Depois planta-te,
germina e cresce
que tua raiz
se agarre à terra
mais e mais para sempre
e, por último,
sê canoa,
barco, jangada,
solo, jarro,
estabulo e homem”.

Perguntas

1. O que nos chama atenção do Texto bíblico e da Querida Amazônia?
2. Como ressoa em você “tudo está interligado”?
3. Que luzes as leituras nos oferecem?

3º Deixando se transformar pela Palavra

SOUC 2021

“Vós já estais purificados pela Palavra” (João 15,3)

Roteiro:

- 1.Acolhida
- 2.Canto inicial
- 3.Motivação
- 4.Leitura do Texto bíblico
- 5.Querida Amazônia
- 6.Canto
- 7.Perguntas e Partilha
- 8.Benção

Leituras

Mt 5,1-12

Querida Amazônia n. 76

“Ao mesmo tempo, a enculturação do Evangelho na Amazônia deve integrar melhor a dimensão social com a espiritual, para que os mais pobres não tenham necessidade de buscar fora da Igreja uma espiritualidade que dê resposta aos anseios de sua dimensão transcendente. Naturalmente, não se trata de uma religiosidade alienante ou individualista que faça calar as exigências sociais de uma vida mais digna, mas também não se trata de mutilar a dimensão transcendente e espiritual como se bastasse ao ser humano o desenvolvimento material. Isso convida-nos não só a combinar as duas coisas, mas também a ligá-las intimamente. Desse modo resplandecerá a verdadeira beleza do Evangelho, que é plenamente humanizadora, dá plena dignidade às pessoas e aos povos, cumula o coração e a vida inteira.”

Perguntas

1. O que nos chama atenção do Texto bíblico e da Querida Amazônia?
2. A Palavra influencia nossas opções pessoais e comunitárias?
3. Que luzes as leituras nos oferecem?

4º Acolhendo Outros/ Outras

SOUC 2021

*“Ide produzir frutos, frutos que permaneçam”
(João 15,16b)*

Roteiro:

- 1.Acolhida
- 2.Canto inicial
- 3.Motivação
- 4.Leitura do Texto bíblico
- 5.Querida Amazônia
- 6.Canto
- 7.Perguntas e Partilha
- 8.Benção

Leituras

Mt 15,21-28

Querida Amazônia n. 72

“Enquanto lutamos por eles e com eles, somos chamados ‘a ser seus amigos, escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG n.198), os habitantes das cidades precisam apreciar essa sabedoria e deixar-se ‘reeducar’ quanto ao consumismo ansioso e ao isolamento urbano. A própria Igreja pode ser veículo capaz de ajudar essa recuperação cultural em uma válida síntese com o anúncio do Evangelho. Além disso, torna-se instrumento de caridade, na medida em que as comunidades urbanas forem não apenas missionárias em seu ambiente, mas também acolhedoras dos pobres que chegam do interior atormentados pela miséria. Igualmente, na medida em que as comunidades estiverem próximas dos jovens migrantes para os ajudarem a integrar-se na cidade sem cair nas suas redes de degradação. Tais ações eclesiais, que brotam do amor, são caminhos valiosos dentro de um processo de enculturação,”

Perguntas

- 1.O que nos chama atenção do Texto bíblico e da Querida Amazônia?
- 2.As nossas igrejas estão abertas à pluriformidade amazônica?
- 3.Que luzes as leituras nos oferecem?

5° Reconciliando com toda criação

SOUC 2021

“Para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja perfeita” (Jo 15,11)

Roteiro:

- 1.Acolhida
- 2.Canto inicial
- 3.Motivação
- 4.Leitura do Texto bíblico
- 5.Querida Amazônia
- 6.Canto
- 7.Perguntas e Partilha
- 8.Benção

Leituras

Rm 8,18-27

Querida Amazônia n. 55

“Aprendendo com os povos nativos, podemos contemplar a Amazônia, e não apenas analisá-la, para reconhecer este precioso mistério que nos supera; podemos amá-la, e não apenas usá-la, para que o amor desperte um interesse profundo e sincero; mais ainda, podemos sentir-nos intimamente unidos a ela, e não só defendê-la: e então a Amazônia tornar-se-á nossa dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres’ (LS n. 220).”

Perguntas

- 1.O que nos chama atenção do Texto bíblico e da Querida Amazônia?
- 2.Religião é religare que significa reconciliar: que posturas de reconciliação assumimos diante do cuidado com criação?
- 3.Que luzes as leituras nos oferecem?